

O ato fotográfico e o espetáculo político: a Vila de Taperoá na gestão Hermann Cavalcanti (1924-1926)

Faustino Teatino Cavalcante Neto

Durante nossa operação detetivesca em busca de fontes que pudessem indiciar o passado sobre a cidade de Taperoá, identificamos o jornal *A União*¹, de 31 de maio de 1925, com toda matéria de capa dedicada às inaugurações da ponte e da luz elétrica daquela vila, trazendo, em meio ao tema, três fotografias da mencionada ponte. Ainda no decorrer do processo de coleta de fontes sobre aquela urbe, foi possível identificar uma série de nove imagens fotográficas da vila no acervo particular da senhora Reuza Ribeiro de Queiroz², que, segundo ela, datariam da década de 1920. Nesse mesmo arquivo, também conseguimos coletar uma página do *Jornal Parahyba do Norte*, datada de 30 de agosto de 1926, cuja lauda tem impressa uma matéria sobre a administração do então prefeito municipal Hermann Cavalcanti de Queiroz, onde aparecem, além de sua fotografia, cinco das nove imagens acima identificadas. Deste modo, pensamos na possibilidade de que tal álbum tenha sido encomendado por este gestor público, uma vez que o mesmo procurava registrar e informar as realizações urbanísticas realizadas por ele sobre a então vila³. No total, somamos doze fotografias que nos fizeram pensar na possibilidade de fazer uma análise a partir das relações entre o ato fotográfico e o espetáculo político no contexto daquela administração (1924 a 1926). Contudo, analisaremos apenas nove das fotografias, sendo as três primeiras as veiculadas pelo jornal *A União* e as seis últimas integrantes desse possível álbum encomendado pelo citado prefeito.

1 Grande parte do acervo do jornal *A União* foi identificada por nós junto ao Arquivo Público Estadual, localizado no Espaço Cultural – João Pessoa.

2 Residente em Taperoá e com 85 anos de idade.

3 Outro indício dessa possibilidade é o fato da senhora Reuza Ribeiro de Queiroz ser viúva de Adonias de Queiroz Melo, que era parente em primeiro grau do mencionado prefeito, podendo, desse modo, ter tido acesso ao álbum supostamente encomendado.

No século XX, a cidade foi tomada como um dos objetos preferidos pelos fotógrafos. A estes foi dada a tarefa de documentar as transformações urbanas ocorridas ao longo do tempo, uma vez que a fotografia era considerada capaz de registrar fielmente a realidade. Mais do que “espelho da realidade”, as imagens urbanas se constituíram em veículos propagadores de um imaginário de modernidade⁴, de acordo com o olhar dos produtores visuais da cidade:

A invenção da fotografia revolucionou as formas de representação existentes até as primeiras décadas do século XIX. Enquanto prova incontestante do real, a documentação encontra na fotografia um meio perfeito, principalmente nos seus primórdios quando ninguém ousava questionar seu poder de verdade, de reprodução verossímil da realidade. Esse conceito vai perdurar ainda por muito tempo. O que outrora era função da pintura e do desenho (...), passa a ser outorgada à fotografia. Além de uma similitude muito maior do que a pintura, a fotografia foi convencionada como uma prova concreta, objetiva e incontestante de que o objeto representado esteve ali, naquele exato momento em que foi capturado e exatamente da mesma forma que se (re)presenta⁵.

Barthes, ao comparar a fotografia a outras formas de representação, indica que o ‘referente fotográfico’, diferente do referente de outros sistemas de representação, não é “(...) a coisa facultativamente real, mas a coisa necessariamente real que foi colocada diante da objetiva sem a qual não haveria fotografia”⁶. Assim como Barthes, outros teóricos a exemplo Benjamin (1993) e Dubois (1993), por ângulos diferentes, reconhecem o referente da imagem fotográfica⁷. Nesse sentido, se voltam contra a perspectiva desconstrucionista do estruturalismo, mas também do discurso mimético do realismo do século XIX. Afirmam que há uma relação de contiguidade entre a imagem e o mundo que foi posto na frente da objetiva, no entanto, não deixa de ser um ícone interessado, objetivando sempre fabricar um

4 A modernidade foi um projeto racional dos iluministas, que se pautava no lema “Liberdade, Igualdade, Fraternidade”. Uma experiência que teve como marca a contradição que se operava entre a produção e a reprodução da sociedade racional. Ela ainda se divide em dois aspectos, modernização e modernismo. O primeiro se caracteriza como um processo empreendedor que transforma a sociedade por meio das inovações técnicas. Já o segundo, é dado a ver por meio das vanguardas pensantes da sociedade, que observa e critica este projeto racional e suas contradições. Cf. BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

5 Cf. LIRA, Bertrand de Sousa. **Fotografia na Paraíba**: Um inventário dos fotógrafos através do retrato. (1850-950). João Pessoa: Editora Universitária, 1997, p. 142.

6 Cf. BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Lisboa: Edições 70, 1981, p. 108-109.

7 Cf. BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas** – magia e técnica, arte e política. São Paulo, Brasiliense, 1993; DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas, Papirus, 1993.

determinado imaginário a ser projetado e consumido com finalidades variadas. Partindo dessa perspectiva teórica, interpretamos as fotografias sobre Taperoá observando os traços de real constitutivos das imagens e as intencionalidades políticas que se revestem nos seus não ditos/visíveis.

O estudo de caso das relações entre o ato fotográfico e o espetáculo político no contexto daquela administração, objeto deste artigo, mostra como as cidades brasileiras, guardadas as peculiaridades temporais e espaciais, apresentaram certa sintonia nesse processo. Neste sentido, a vila de Taperoá observada através da fotografia configura-se enquanto objeto privilegiado de uma abordagem visual das transformações urbanas que implicam a permanência ou o desaparecimento de elementos fundamentais da sua história. Por conseguinte, o presente texto tem como objetivo analisar, a partir desse conjunto fotográfico, como a ideia de progresso da vila de Taperoá foi produzida via imagem fotográfica, durante a gestão do prefeito Hermann Cavalcanti (1924-1926), período em que essa urbe passou a viver experiências modernizadoras advindas com a implementação de alguns signos da modernidade (melhoramentos urbanos). Nesse governo foram registradas pela fotografia as transformações na estrutura física da vila, empreendidas tanto pela ação do estado (a ponte de concreto; a iluminação elétrica; o serviço de abastecimento de água através de chafariz), quanto pelo município (o prolongamento, alargamento, terraplanagem, arborização e abertura das ruas; e a construção de calçadas). Melhoramentos estes que, gradualmente, deram um novo ritmo ao cotidiano da vila⁸.

8 Aranha analisa que “É impossível falar em vida moderna no Norte, na primeira metade do século XX, tomando como parâmetro a ideia de ritmo social do tipo que serve para caracterizar as capitais culturais europeias do período oitocentista. Há um limite físico no tamanho das cidades do Norte que é preciso considerar. Resta a alternativa de pensá-la com base no impacto provocado por certas conquistas materiais que passam ao imaginário urbano como símbolos do moderno. Refiro-me a certos equipamentos urbanos, de uso coletivo, que se dão como a última palavra em termos de novidades produzidas ou adotadas no estrangeiro; novidades que se materializam, por exemplo, nos transportes e comunicações (sistema telegráfico, telefônico, ferroviário, etc.), na adoção de equipamentos de higiene e/ou conforto (sistema de água encanada e/ou esgotos, sistema de iluminação pública e privada, etc.), na construção de prédios ou logradouros públicos destinados ao lazer (parques, praças ou passeios públicos), dentre outros. Igualmente, há a considerar que essas conquistas materiais se instituem por toda a parte como símbolos modernos de valor universal, significando, com isto, que qualquer contato com um ou outro desses símbolos, independentemente do porte da cidade que realiza a conquista, possibilita que esta cidade possa ser considerada moderna ou cidade em sintonia com o mundo civilizado”. (ARANHA, Gervácio Batista. *Sedução do moderno na Parahyba do Norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas*”. In: AGRA DO Ó, Alarcón e SOUZA, Antônio Clarindo B. de (orgs.). **A Paraíba no Império e na República: estudos de História Social e Cultural**. João Pessoa: 2.ed., Idéia, 2005.)

Quando tomou posse do governo estadual, o presidente João Suassuna⁹ nomeou como prefeito do município de Taperoá o comerciante Hermann Cavalcanti de Queiroz¹¹, para o período de 1925 a 1928¹². Segundo nossas fontes informam, foi a partir desse momento que aquela urbe passou a experimentar a incorporação de alguns signos modernos, conforme observamos em matéria do jornal *Parahyba do Norte* concernente a essa gestão, intitulada de “O Renascimento de Taperoá. Coronel Hermann de Queiroz, operoso administrador que muito tem feito pelo progresso do município”¹³, podendo a mesma, em parte, corroborar com a nossa hipótese de que com esse prefeito houve uma empreitada no projeto de modernização daquela vila.

Identificamos que, nessa gestão pública, houve a tentativa de fazer a modernidade acontecer através da modernização, que no período logo foi levada adiante pelo estado com iniciativas que fizeram adentrar no espaço citadino a racionalidade material. Era o progresso técnico dotando a cidade de infraestrutura e, por decorrência, gerando um novo tipo de sociedade, diferente da que existia até então. Assim, a vila de Taperoá pôde, com a grande ação do presidente estadual João Suassuna, incorporar algumas transformações urbanísticas que possibilitaram ares de modernidade ao lugar.

Interessante observar que essa “atenção especial” dada pelo governo

9 João Suassuna era advogado formado pela Faculdade de Direito do Recife, onde ingressou no ano de 1905 e bacharelou-se no de 1909. Quando foi eleito presidente do Estado da Paraíba, era deputado federal e estava apenas com 38 anos de idade. Cf. COUTINHO, Natércia Suassuna Dutra Ribeiro. João Suassuna. In: **Paraíba: nomes do século** – Série Histórica 03. João Pessoa: A União. 2000.

10 A primeira Constituição Republicana confirmou que cada estado tinha autonomia para organizar o processo eleitoral para escolha dos governadores e das Assembléias Legislativas. Um aspecto interessante do sistema político da Primeira República foi o status dado às escolhas dos prefeitos municipais, pois, como cada estado tinha autonomia para deliberar sobre a matéria, houve uma enorme variação quanto a esse processo. Em alguns estados havia eleição direta para o chefe do executivo, em outros o presidente da Câmara era responsável pela função executiva e na Paraíba todos os prefeitos foram indicados pelos governadores eleitos. Cf. NICOLAU, Jairo. **História do Voto no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zará Editor. 2002, p. 27-28.

11 Nasceu em Caruaru-PE e era filho do casal taperoense Etelvina Correia de Melo e Liberalino Cavalcante de Albuquerque, sendo este filho do pernambucano Laurênio Bezerra de Albuquerque, que se radicou na vila de Taperoá. Chegando a Taperoá, Hermann passou a trabalhar na loja do coronel Joaquim Rodrigues Coura, esposo de sua tia paterna e político local, casando-se posteriormente com sua prima Aurelina Coura de Queiroz, ambos netos de Laurênio.

12 De acordo com um registro encontrado, Hermann não chegou a cumprir o seu mandato integralmente, encerrando-o em 4 de dezembro de 1926. Cf. **Livro de Receitas do Município de Taperoá do período 1924-1929**. Arquivo Público da Prefeitura Municipal de Taperoá.

13 *Parahyba do Norte*, 30 ago. 1926.

estadual pode ter sido reforçada pelo fato do presidente João Suassuna ter relações estreitas de parentesco com a família Costa Villar daquele município, tendo ali, inclusive, residência estabelecida. Suassuna, nascido em Catolé do Rocha, era casado com Rita de Cássia Dantas Villar¹⁴, filha do então falecido major Gabriel Villar de Araújo e Afra Dantas de Vasconcelos, e quando era presidente da Paraíba frequentemente ia com sua família à vila de Taperoá e à sua fazenda “Malhada da Onça”. Foi durante a sua gestão que construiu as estradas carroçáveis que ligaram Taperoá à Livramento e à Desterro, espaço onde se encontrava a sua fazenda e outras tantas que pertenciam à grande família dos Costa Villar¹⁵.

Como resultado desta parceria entre o estado e o município, verificamos que já em 23 de maio de 1925, João Suassuna em companhia de Hermann Cavalcanti, dentre outros, inaugurou a ponte sobre o rio Taperoá¹⁶ e a energia elétrica. O curto espaço de tempo de cinco meses nos faz perceber que o presidente estadual, em parceria com o prefeito municipal, travou uma ação imediata no sentido de transformação material da vila. A propósito disso vejamos:

(...) Hermann como apoiador de Suassuna desdobrou-se em realizações. Seu temperamento dinâmico não cessou de trabalhar pelo embelezamento da urbs: iluminação elétrica, arborização, terraplanagem das ruas, meio-fio, nivelamento dos passeios, encanamento do reservatório público com um chafariz no centro da vila, etc. (...). Foi um modelo de administrador¹⁷.

Sobre esse consórcio e a participação do prefeito local na construção da ponte nos fala o trecho da matéria que segue: “Graças ainda aos seus esforços, conjugados com a boa vontade do dr. Suassuna, foi construída pelo governo a ponte de concreto armado sobre o rio Taperoá ao norte da vila, na estrada do Panati (rodagem do Joaseiro)”¹⁸.

14 Rita de Cássia Dantas Villar nasceu a 21 de fevereiro de 1896, no povoado de Desterro (reduto dos Costa Villar) do município de Taperoá (na época, denominado de Batalhão).

15 No seu governo também construiu as estradas carroçáveis ligando Pilões a Cuité; Sousa a Coremas; Campina Grande a Areia, indo por Alagoa Nova; de Barra a Natuba; de São Bento a Serra Negra; de Teixeira a Imaculada; de Desterro a Riacho Fundo, em Cabaceiras. Cf. COUTINHO, Natércia Suassuna Dutra Ribeiro. João..., op. cit.

16 Na sua gestão, Suassuna também construiu pontes em Alagoa do Monteiro, com 44 metros de extensão; em São José dos Cordeiros, com 21 metros; em Mata da Vara e em Itapecirica (Mamanguape). Todas em cimento armado. Cf. Coutinho, 2000.

17 *A Imprensa*, 3 fev. 1940.

18 *Ibidem*.

Contudo, conseguimos identificar que o início da construção da ponte é anterior ao governo de ambos (1924). Verificamos que, como deputado federal, João Suassuna havia pleiteado melhoramentos para aquele município junto ao paraibano e presidente do Brasil Epitácio Pessoa (1919-1922), no contexto da política federal das “Obras Contra as Sêcas” da agência IFOCS¹⁹. Dentre tais melhoramentos, estavam: a construção de um açude, de uma estrada de rodagem e da ponte sobre o rio Taperoá, sendo que as duas primeiras reivindicações foram concluídas, ficando a segunda suspensa por determinado tempo, conforme se percebe na escrita do próprio João Suassuna:

Tendo pleiteado e conseguido para o município de Taperoá, no governo do egrégio dr. Epitácio Pessoa, um açude destinado a abastecer a Villa de água potável, e um trecho de rodagem para liga-la á estrada eixo de Campina a Patos, **ficaram faltando, em virtude da suspensão dos trabalhos federaes**, ao açude, á installação, e á estrada, **a ponte terminal, sobre um dos quatro ramos componentes do rio Parahyba, obra que a ordem de suspensão parára com os pilares e pegões quase promptos**. Impunha-se a conclusão, sobretudo ao governo de quem estava ligado a taes melhoramentos em tudo por tudo²⁰. (Grifos nossos).

Desse modo, pensamos que a retomada da construção e a conclusão dos serviços da ponte se deram nesses primeiros cinco meses de 1925, conforme o registro abaixo indicia:

A sua construção foi iniciada ainda no período administrativo do dr. Epitácio Pessoa, tendo sido paralyzada já com os pilares e encontros levantados. Essas obras foram reencetadas em 9 de janeiro deste anno, pelo governo do Estado em cooperação com o “Districto da Sêcas”²¹.

19 Criado sob o nome de Inspecção de Obras Contra as Secas – IOCS, através do Decreto 7.619 de 21 de outubro de 1909, editado pelo então Presidente Nilo Peçanha, foi o primeiro órgão a estudar a problemática do semiárido nordestino. O DNOCS recebeu ainda em 1919 (Decreto 13.687), o nome de Inspecção Federal de Obras Contra as Secas – IFOCS, sendo, de 1909 até por volta de 1959 (criação da SUDENE), praticamente, a única agência governamental federal executora de obras de engenharia na região. Com o objetivo de socorrer às populações flageladas pelas cíclicas secas que assolam a região, perfurou poços, construiu açudes, estradas de rodagem e carroçáveis, pontes, portos, ferrovias, hospitais e campos de pouso, implantou redes de energia elétrica e telegráficas, e usinas hidrelétricas.

20 SUASSUNA, João. **Mensagem Apresentada pelo Presidente do Estado da Paraíba à assembléia Legislativa na Abertura de sua 2ª Sessão Ordinária da 9ª Legislatura**. Parahyba, 1º out. 1925.

21 **A União**, 31 maio 1925. “Accrescia que essa ponte interessa a um grupo de municípios – S. João, Alagoa do Monteiro, Teixeira, Princeza e Taperoá, livres, desde o dia 23 de maio, anniversario do grande patrono do Nordéste, quando foi ella inaugurada este anno, dos múltiplos affluentes do rio, que por sob os seus arcos de cimento armado passam reunidos. É de tamanho de sessenta metros de

Todavia, essa empreitada fez a vila ser dotada de algo que para a época representava o novo e que, portanto, possibilitou significados vários entre os que dela utilizavam.

Lira destaca que, na primeira metade do século XX, quase todos os administradores da esfera pública e privada da Paraíba se utilizaram da fotografia como documento. “Ali estava a prova, para ser utilizada sempre que necessário, das obras levadas a cabo por um determinado administrador ou governante”²². Diz ainda que havia uma obsessiva preocupação entre tais administradores de documentar a “realidade”, ou seja, as obras realizadas quando de suas gestões: construção de estradas de ferro, portos, urbanização, enfim, tudo o que significava progresso. Nesse sentido conseguimos identificar que, oito dias após tais inaugurações, o jornal estatal *A União*, de 31 de maio de 1925, trouxe sua primeira página toda dedicada às comemorações naquela vila, com destaque para três imagens fotográficas da referida ponte. A primeira delas procura representar a obra em execução, onde a ideia de operosidade é transmitida de imediato, conforme observamos abaixo:



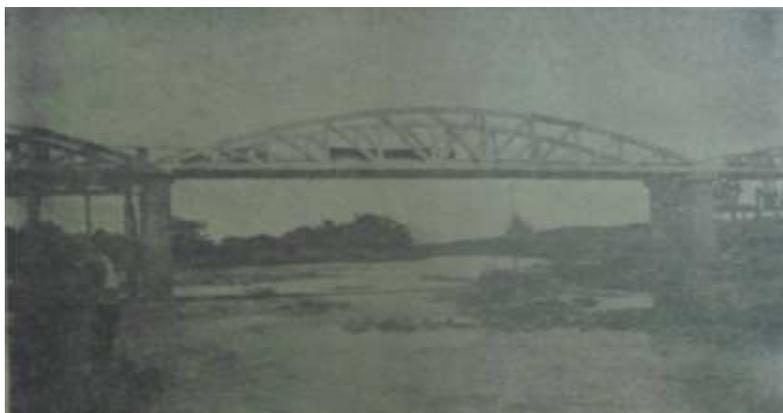
PONTE DE TAPEROÁ – Aspectos do trabalho de armação da ossatura metálica e das fôrmas de madeira para receber a argamassa de cimento. Fonte: *A União*, 31 maio 1925.

vasão livre, a segunda ponte do Estado das construídas pelas Sêccas, e, para sua conclusão, entrou o governo com 85:0308000, cabendo a direcção technica ao dr. José Rodrigues Ferreira, que modificou o projecto da superstructure com elegância e economia, e executou com presteza o serviço, por seus magníficos auxiliares Jorge Vidal e Emilio Alcoforado” (SUASSUNA, João. *Mensagem...*, *op. cit.*).

22 *Ibidem*, p. 143.

Consegue-se perceber certo flagrante de alguns operários²³ na obra de 64 metros de extensão, além de apresentar, num primeiro plano, a utilização do ferro e do cimento como técnicas de engenharia utilizadas, tecnologia essa que teve grande aplicabilidade em Paris durante o século XIX, na construção de lojas, fábricas, pontes e barragens²⁴. A década de 1920 “era o tempo em que o ferro vinha da Inglaterra e cimento era importado, inclusive da Rússia, porque no Brasil não havia siderúrgica e nem fábrica de cimento”²⁵. Desse modo, é interessante observar que quem fotografou o momento, procurou focar exatamente as informações que a imagem representa, uma vez que nela estão contidos muitos elementos que falam dessa empreitada do então governo em busca da modernidade tão desejada.

A segunda imagem trazida na primeira página do jornal *A União* também é bastante elucidativa:



Um dos vãos de 21 metros da ponte de Taperoá, depois de retiradas as fôrmas. A ponte mede 64 metros de extensão. Fonte: *A União*, 31 maio 1925.

23 O Jornal *A União* pesquisado traz o nome dos operários envolvidos na realização dessa obra: Geminiano Limeira, Josué da Silveira, Alípio Gouveia, Jorge Vidal, Emilio Alcoforado, Eustáchio Dias, Antônio Brum, Francisco Pereira, João Cícero de Souza, Manuel Ferreira, Severino Pereira, Benjamin Lopes, João Silva, João Lopes e Severino Barbosa. Ainda segundo esse jornal, no domingo das comemorações, pelas dez horas e meia, ocorreu uma homenagem promovida pelos engenheiros aos operários construtores da ponte, que constou da distribuição de fotografias da ponte com dedicatórias autografadas pelo presidente João Suassuna.

24 “A ponte sobre o rio Taperoá, de concreto armado e de vigas articuladas tipo “Bowstring”, com 64 metros de extensão, compreende dois vãos livres de 20 metros e dois de 10 metros. (...) Damos a seguir algumas características da superestrutura do concreto armado: Peso de ponte de 21 metros (vão livre de 20 metros), 68.200 kilos; Peso de ponte de 10 mts. 50 (vão livre de 10 metros), 39,600 kilos; Carga de ponte de 21 metros, 27.000 mil kilos; Carga de ponte de 10 mts. 50, 18.000 mil kilos”. *A União*, 31 maio 1925.

25 TERCEIRO NETO, Dorgival. **Taperoá**: crônicas para sua história. João Pessoa: UNIPÊ, 2002, p. 179.

Relacionando essa imagem com a primeira, observamos que ela procura trazer a ideia de continuidade e ‘evolução’ da obra; isso fica claro a partir da leitura da legenda da foto quando diz “depois de retiradas as fôrmas”. Observamos ainda que o fotógrafo procurou distanciar-se para poder registrar o máximo da extensão da ponte (focando principalmente o maior de seus arcos com 21 metros de extensão), o que pode ser indício de sua preocupação em apresentar nessa fotografia a ideia de uma grande obra realizada. Ainda é possível perceber que um dos destaques nessa fotografia, no primeiro plano, é a água corrente sob a ponte²⁶, o que evidencia a preocupação do fotógrafo em querer representar a funcionalidade da ponte, assim como o ‘grande feito’ realizado pelo governante paraibano para aquela comuna, em nome do tão empreendido progresso.

A terceira e última fotografia destacada no referido jornal segue a mesma ideia de continuidade e conclusão da obra, sendo a que mais expressivamente representa a chegada da modernização naquela vila. Vejamos:



Aspecto da ponte de Taperoá no momento em que estacionaram sobre ella 2 caminhões GMC, carregados de algodão, com 17 toneladas. Fonte: **A União**, 31 maio 1925.

²⁶ O Rio Taperoá, que é o principal afluente do Rio Paraíba em seu alto curso, não é perene, sendo que as águas no seu leito são presentes apenas nos períodos de inverno. Como essa fotografia é do momento da inauguração da ponte (23/05/1925), pode-se pensar que esse período foi chuvoso ao longo de seu curso.

Na matéria redigida no jornal em análise, há a menção de que o presidente do Estado da Parahyba, no sábado (23/05/1925), às 17:40h, chegou “ao ponto de seu destino, onde já o aguardava, à entrada da Villa, compacta multidão”. Momento esse em que passou a acontecer a inauguração daquele melhoramento:

Na ponte sobre o rio Taperoá estacionavam o Instituto São Sebastião, em um effectivo de 70 alumnos militarizados e puxados por uma banda de cornêtas e tambores, as musicas da localidade e de São João do Cariry e o povo. Ahi foi s. exc. saudado pelo juiz dr. Genesio Lustosa que em ligeiro improviso se referiu á actuação do presidente João Suassuna, antes e depois de assumir o govêrno, no desenvolvimento material e econômico do município. Frizou o cumprimento da promessa feita pelo chefe do Estado de ser a conclusão daquella obra um dos primeiros actos da sua administração. Disse do jubilo daquella gente assistindo á entrega ao povo de um melhoramento que tão de perto consultava os interesses da zona do Cariry²⁷.

Tanto a fotografia quanto a linguagem verbal do jornalismo corroboram a ideia de que naquele momento grande multidão comemorativa (autoridades locais, alunos, bandas de música e o povo em geral) se encontrava no local presenciando àquele acontecimento. Uma informação que pode contribuir para pensarmos a dimensão deste evento, que prosseguiu pelo dia seguinte (domingo), é a de que, segundo o jornal, a inauguração ocorrera naquela data, como parte das comemorações paraibanas ao aniversário natalício (60 anos) do paraibano Epitácio Pessoa²⁸, então senador e ex-presidente da República, como segue:

Desviaram-se da metrópole para a villa de Taperoá, como prevíramos, as homenagens com a que Parahyba sollenizaria no corrente anno a passagem da data natalícia do senador Epitácio Pessôa. Lá, como em nenhum outro ponto do Interior, poderia ser proclamada de maneira mais expressiva e com tanta oportunidade a benemerencia do estadista brasileiro. Entregava-se á serventia publica um melhoramento de vulto, tal como a ponte sobre o rio Taperoá, naquelle dia inaugurada, e foi natural e bem inspirada a lembrança de se fazer daquelle recanto do sertão o centro das manifestações com que o nosso Estado sempre rememora o anniversario do insigne representante sulamericano

²⁷ Cf. *A União*, 31 maio 1925. Segundo o jornal *A União*, discursaram naquele momento, além do juiz local (Genesio Lustosa Cabral), o então presidente do Estado da Parahyba (João Suassuna) e o Chefe do 2º Districto das Sêccas (José Rodrigues Ferreira Júnior).

²⁸ Epitácio Lindolfo da Silva Pessoa nasceu em Umbuzeiro – Paraíba em 23 de maio de 1865 e faleceu em Petrópolis – Rio de Janeiro em 13 de fevereiro de 1942. Como presidente da República (1919-1922), empreendeu a realização das chamadas obras contra as secas no Nordeste.

na Côrte Permanente de Justiça Internacional. Em nossa última edição resumimos em notas aligeiradas de viagem as festividades de Esperança. Ficou-nos faltando a narrativa do prosseguimento dessas festas em Taperoá, que é o que vamos fazer linha abaixo²⁹.

Assim, observamos que essa imagem fotográfica é um registro significativo daquela inauguração/comemoração e que, ao mesmo tempo, procura engendrar a ideia de grandiosidade, uma vez que foca, numa angulação considerável, vários elementos que contribuem para isso. Vejamos então tais elementos: primeiro, a ponte a partir da entrada da vila, sendo a mesma representante do progresso tão aspirado; segundo, um grande número de pessoas, podendo ser identificadas, a partir das vestimentas, que sobre a ponte estavam as autoridades; e terceiro, os dois caminhões GMC estacionados sobre a ponte e carregados com 17 toneladas de algodão. Este último elemento nos parece bastante representativo, uma vez que tais veículos também eram considerados como grandes signos da modernidade³⁰, sendo que na fotografia eles foram utilizados tanto nesse sentido, quanto também como meios efetivos de proporcionarem esse desejo de modernidade, uma vez que esta seria alcançada com o progresso econômico da vila, a saber, a partir da produção e escoamento do algodão. Tão significativo foi esse elemento que, após os discursos, “Procedeu-se então á cerimonia da pragmática, cortando s. exc. a fita aurivêrde que interceptava o transito” e os caminhões foram motorizados num gesto simbólico de tanto provarem a sustentabilidade da ponte, quanto de saírem da vila, escoando a produção algodoeira em direção à capital do estado.

29 Cf. **A União**, 31 maio 1925.

30 O jornal **Correio de Campina**, de 07 de junho de 1914, noticiou que a primeira vez em que um automóvel chegou à vila de Taperoá foi em 14 de abril do mesmo ano. Ocasião em que os políticos Francisco Seráfico da Nóbrega e Gouveia Nóbrega se deslocaram da capital estadual rumo a Taperoá em missão política, dado o grande conflito local entre o prefeito Joaquim Rodrigues Coura e seu opositor, o deputado estadual Félix Dalro. Depois disso, durante a visita do Arcebispo D. Aduino a Taperoá, em 24 de agosto de 1921, os taperoaenses tiveram contato com os três automóveis que conduziam a comitiva. Dorgival Terceiro Neto (**Taperoá...**, *op. cit.*) observa que foi somente na segunda década do século XX, que a vila passou a contar com uns poucos automóveis particulares circulando por suas ruas e nas estradas carroçáveis: Jeová Bezerra, Pedro Fernandes Pimenta e Teodoro Diniz foram donos de automóveis Ford modelo 1923; José Genuíno Correia de Queiroz (Capitão Cazuzá), Manoel Taigy de Queiroz Mello, Orlando Queiroz, Liberalino Cavalcanti, João Casullo, Zeca Simões, João Alves Diniz, Abdias Campos também possuíam ‘carros de passeio’, como eram chamados os automóveis. Sendo que esse número cresceu na década de 1930, quando então a vila passou a contar com um maior número automóveis particulares. Quando estes chegavam era um grande acontecimento, a população se concentrava para olhar a novidade.

Assegura Ana Maria Mauad que o fotojornalismo moderno data da década de 1920, na Alemanha da geração de Eric Solomon³¹. Para ela, a fotografia de imprensa que já vem do século XIX, ganha novas conotações estéticas. Em vez da fotografia que apenas ilustra o texto jornalístico, na segunda década do século XX, ela passa a forjar uma narrativa visual articulada ao texto verbal. É o tempo da fotorreportagem, da profissionalização da fotografia de imprensa, da fotografia cândida. Nessa nova estética há uma sistematização das imagens, tanto entre elas como em relação ao trabalho dos editores do texto. As fotografias são dispostas em várias páginas, justamente, para elaborar a ideia de início, meio e fim. É o que podemos observar nas fotos sobre a inauguração da ponte de Taperoá. Primeiro, uma fotografia dos operários em construção; segundo, uma imagem da ponte em fase acabada; e, por último, a fotografia da festa, das comemorações da inauguração da obra que chegava respirando os ares do progresso. Nitidamente, podemos perceber aí as concepções do fotojornalismo moderno citados por Mauad.

É possível imaginar a atmosfera festiva que se criara a partir da tarde daquele sábado, em meio àquela inauguração/comemoração e que se prolongou pelo dia seguinte. Segundo as fontes consultadas, a vila ficou repleta de pessoas que caminharam dos vários pontos do estado, e mesmo de Recife, para àqueles dois dias de festa. Ainda segundo tais fontes, a musicalidade ficou a cargo da filarmônica local e da de São João do Cariri, que juntas deram o tom cívico-militar ao evento. É interessante perceber que o próprio toque festivo daquela inauguração/comemoração serviu para mostrar para aquela sociedade que novos tempos se afloravam. Sobre esse impacto festivo, Terceiro Neto descreve que

(...) As festas duraram dois dias. De Campina Grande veio representação do Colégio Alfredo Dantas e da Capital a comitiva oficial. Capitão Cazuya, prefeito Hermann Cavalcanti e outros cidadãos hospedaram os convidados. Dois pavilhões foram armados para as duas bandas de músicas, a de São João do Cariri e a de Taperoá, que tocaram dia e noite para a população presente à inauguração. (...) ³².

Ainda sobre essa atmosfera, o registro fotográfico³³ abaixo é esclarecedor.

³¹ MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e História – interfaces. **Tempo**, Niterói, v.1, n.2, p. 73-98, 1996.

³² TERCEIRO NETO, Dorgival. **Taperoá...**, *op. cit.*, p. 179.

³³ Esta fotografia não faz parte do conjunto apresentado no início desse texto, contudo pensamos em inseri-la pela importância documental que ela representa.



Foto da ocasião das inaugurações de 23 de maio de 1925, em Taperoá. Da esquerda para direita: Áurea Villar (bengala), ? (guarda-sol e flores), ? (champanhe e violão), Lucilla Coura (flauta) e Maria Lieta Villar (violão). Fonte: Arquivo de João Melquíades Villar, Taperoá - PB.

Analisando a fotografia acima observamos que o ambiente é a ponte na ocasião da inauguração/comemoração daquele momento. As personagens envolvidas nesta representação são mulheres filhas da elite local que residiam no Recife de onde viajaram para as festividades. Seus semblantes indicam o ar de modernidade daquela ocasião e imprimem a imagem da realização de uma obra grandiosa. Significava certa entrada triunfal da vila no concerto das cidades modernizadas, uma vez que a mesma passara a ser dotada de um equipamento adequado a proporcionar conforto para aquela população: era a modernidade certa. A foto ainda mostra indícios do moderno que se faziam presentes na renovação dos hábitos sociais: as mulheres da elite local ostentam acessórios modernos, cortes de cabelos renovados e vestem-se com as melhores roupas, inspiradas na moda que vinha de fora, geralmente da capital pernambucana, com a qual a vila também mantinha laços comerciais. Não deixando de mencionar que a própria fotografia também era um signo da modernidade empreendida. A elite passou a reproduzir sua imagem, eternizando-a nos retratos fotográficos e permitindo que se tornasse visível para os membros de sua e das demais camadas da sociedade. Era uma forma de se exibir enquanto grupo social.

O Jornal *A União* em análise também destaca que após as celebrações sobre a ponte, naquela mesma data, os olhares se voltaram para a inauguração da energia elétrica³⁴. Sobre isso, vejamos:

NA USINA ELECTRICA

Seguiram todos, depois, para o predio da luz, ocorrendo ahi a inauguração da mesma, ás 18 e 15 minutos, quando s. exc. fez a ligação da chave. Usou a palavra nesse momento o dr. Genésio Lustosa, que **salientou a relevancia daquelle beneficio com que o prefeito local dotava a sede do município**. O sr. dr. João Suassuna, ratificando os conceitos do orador, encareceu a coragem e a capacidade de trabalho do sr. Hermann Cavalcanti, correligionario digno, e a quem os taperoáenses deveriam prestar todo apoio³⁵. (Grifos nossos).

O sistema de iluminação com base nos lampiões a querosene passara a ser considerado obsoleto, uma vez que a realidade da eletricidade já se configurava como um ícone moderno por excelência. Desse modo, a vila de Taperoá já vinha aspirando à incorporação desse signo moderno e que foi ali levado a cabo a partir da parceria entre os governos do Estado e do município. Sobre esse desejo o então prefeito, em mensagem lida perante o Conselho Municipal (15/12/1924), disse:

Esta villa não tem illuminação pública como é do conhecimento de v. exc., porém, já tenho dado os passos necessários para dotal-a com esse melhoramento imprescindível, o qual pretendo inaugurar até fins de janeiro do próximo futuro anno. Para isso já se acha comprado em Recife, esperando despacho para Campina Grande, o motor electrico que ha de distribuir pelas ruas desta Villa 3,240 velas de illuminação publica³⁶.

Diferentemente da ponte que foi construída com verba federal, esse “benefício” teve um investimento financeiro particular; tratava-se de uma empresa responsável pela produção e distribuição pública e particular de energia elétrica pela vila e que teve como proprietário o então prefeito

34 Segundo Gervácio Aranha (Sedução..., op. cit., p. 114-116), na Paraíba as primeiras experiências com energia elétrica datam do ano de 1912, na capital e Itabaiana. Já em 1916, Sapé, Bananeiras e Guarabira também passam a contar com o “melhoramento”. Nas demais cidades e vilas, só a partir dos anos 1920, inclusive em Campina Grande, considerada à época a mais populosa e comercial do interior do Estado, que só nesta última data passa a contar com o novo equipamento de iluminação. De acordo com Natércia Coutinho (João..., op. cit.), em 1925, João Suassuna também inaugurou a luz elétrica de Esperança; em 1926, na cidade de Patos; e no ano de 1928, em Pombal.

35 *A União*, 31 maio 1925.

36 *A União*, 3 fev. 1925.

Hermann Cavalcanti, sendo que para essa empreitada o presidente estadual, João Suassuna, cedeu empréstimo financeiro³⁷.

Observando os registros sobre essa usina, identificamos que, por aquele tempo, a energia era gerada através de um motor a óleo diesel, que ocupava grande espaço. “O motor da luz, cuja voltagem é de 220, tem 22 H. P. e foi instalado pelo mecânico Jeovah Bezerra”³⁸. Terceiro Neto³⁹ descreve que, ao longo da existência desse sistema de iluminação⁴⁰, eram freqüentes os problemas com o gerador, deixando a vila em muitas ocasiões às escuras, o que só era resolvido com a chegada do alemão Mário, “que conhecia a invenção de seu país”⁴¹. Também identificamos que a energia era estendida apenas ao centro da vila e às residências das famílias mais abastadas, o que lhes davam ares de ostentação, e que o motor funcionava das 18:00 às 22:00 horas.

Não obstante, esse melhoramento representou um evidente investimento que contribuiu para o discurso do progresso ao passo que deu um embelezamento urbano até então nunca visto. Foi um equipamento que propiciou inúmeras mudanças no cotidiano da vila, gerando também novas sensibilidades, uma vez que a novidade remeteu à ideia de conforto e cujos efeitos foram extensivos tanto à esfera pública quanto à privada.

Tais inaugurações (da ponte e da usina elétrica), ocorridas em meio à celebração paraibana do aniversário de Epitácio Pessoa, nos fazem pensar que em um curto espaço de tempo administrativo (cinco meses apenas) os chefes do executivo estadual e municipal empreenderam melhoramentos naquela urbe. E que, a partir daquela data, a vila passou a determinar novas formas de olhar, sentir e fazer uso de seus espaços e, assim, outras formas de representá-la foram surgindo como, por exemplo, a fotografia.

37 “Concorri ainda (...) emprestando ao município, para as respectivas instalações de luz electrica, (...) e devendo também Taperoá 6:564\$800”. SUASSUNA, João. **Mensagem Apresentada pelo Presidente do Estado da Paraíba à Assembléia Legislativa na sua 1ª Reunião Ordinária da 10ª Legislatura**. Parahyba, 20 de outubro de 1928.

38 **A União**, 31 maio 1925.

39 TERCEIRO NETO, Dorgival. **Taperoá...**, *op. cit.*

40 Inaugurada em 23 de maio de 1925, foi responsável pela iluminação da cidade até 1970. Ficava situada a Rua 13 de maio, hoje também conhecida como Rua do Rio ou mesmo Rua da Usina.

41 Pela leitura do jornal *Voz da Borborema* do ano de 1937, parece-nos que os problemas com o funcionamento da energia elétrica da vila eram freqüentes. Vejamos: “Há pouco o senhor Hermann Cavalcanti, proprietário da empresa de luz dalli, adquiriu, por compra um motor de 40 H. P., dada a insuficiência de um que, recentemente, vinha sendo utilizado praticando um gesto digno da admiração do povo de sua terra”. (**Voz da Borborema**, 6 nov. 1937.)

Outro equipamento urbano empreendido pelo governo estadual naquela vila, inaugurado em 3 de setembro do mesmo ano, diz respeito à construção de um prédio público para o funcionamento de um chafariz e de banheiros. Sobre isso, o próprio João Suassuna descreveu que: “A tomada d’água, em chafariz, foi concluída simultaneamente, abrigada em sólido e elegante prédio, com instalações também para banheiros públicos, abertos ao uso no dia 3 de setembro ontem findo, com a despesa de 8:221\$700”⁴². E que: “(...) instalei banheiros e um chafariz em Taperoá, completando, assim, o abastecimento pelo açude público feito no governo do eminente dr. Epiácio Pessoa, com a despesa 6:564\$800; (...)”⁴³.

Como já mencionado anteriormente, o açude público⁴⁴ destinado a abastecer àquela população, situado a pouca distância da entrada da vila, havia sido construído durante o governo do presidente da República Epiácio Pessoa (1919-1922), no contexto da política federal das “Obras Contra as Sêcas” da agência IFOCS. Sobre essa realização, observamos que durante o segundo dia das inaugurações/comemorações da ponte, energia elétrica e aniversário de Epiácio Pessoa, o presidente estadual João Suassuna fez visita a esse reservatório, conforme mencionado no mesmo jornal *A União*:

Pelas 17 horas, o sr. presidente, em companhia de várias pessoas, esteve em visita ao açude público, em que se abastece a população da Villa. Esse reservatório, situado a pequena distância da localidade, foi construído pelo dr. João Suassuna e constitui um dos benefícios que por iniciativa de s. exc. recebeu aquela communa, do governo Epiácio Pessoa⁴⁵.

Coube então ao governo estadual nos meses seguintes canalizar as águas desse açude até o chafariz, de onde seria realizado o abastecimento da vila. Na imagem abaixo observamos essa canalização⁴⁶.

42 SUASSUNA, João. **Mensagem Apresentada pelo Presidente do Estado da Paraíba à Assembléia Legislativa na Abertura de sua 2ª Sessão Ordinária da 9ª Legislatura**. Parahyba, 19 de outubro de 1925.

43 SUASSUNA, João. **Mensagem Apresentada pelo Presidente do Estado da Paraíba à Assembléia Legislativa na sua 1ª Reunião Ordinária da 10ª Legislatura**. Parahyba, 20 de outubro de 1928.

44 Atualmente, esse reservatório é conhecido como “açude do Estado”.

45 *A União*, 31 maio 1925.

46 Esta é a primeira fotografia das seis que serão analisadas e que pensamos fazer parte do álbum supostamente encomendado pelo então prefeito Hermann Cavalcanti, conforme mencionado no início do texto.



Fonte: Arquivo de Reuza Ribeiro de Queiroz, Taperoá - PB.

Notamos que essa fotografia flagrou, sobre a ponte, o sistema de tubulação que saía do açude e se destinava ao prédio que sediava o chafariz. Não obstante, essa imagem também é denunciadora de outras intencionalidades. Muito possivelmente, o fotógrafo procurou registrar nessa imagem a ideia de cidade moderna, sendo à entrada da vila o lugar mais adequado para a captação desse cartão de visita. Isso porque trazia em evidência, em um primeiro plano, a ponte e, em um segundo, a vila, com destaque em um nível mais elevado para o grande templo católico em vias de conclusão.

A construção desse prédio público para o funcionamento de um chafariz e de banheiros, destinado ao uso coletivo, significava uma novidade materializada e que buscava dotar à vila de equipamentos de higiene e/ou conforto, no caso o sistema de água encanada e a salubridade para aquela sociedade. Assim como ocorreu com a ponte, aqui também notamos que a fotografia foi usada como forma de documentar esse melhoramento, uma vez que a fotografia documental era movida pela necessidade de retratar a paisagem urbana, sobretudo a arquitetura em via de transformação, como segue:



Fonte: Arquivo de Reuza Ribeiro de Queiroz, Taperoá - PB.

O espaço escolhido para esse prédio ser construído foi o primeiro da margem esquerda após o ingresso na vila via ponte. Entendemos que o mesmo pareceu, aos olhares dos engenheiros de plantão, como sendo o mais adequado e estratégico, uma vez que o açude público se localizava do outro lado da ponte. Notamos que o fotógrafo procurou flagrar o prédio centralizando-o a certa distância, possivelmente para deixar aparecer ao fundo um dos arcos da ponte recém-inaugurada. Quanto à arquitetura empregada na edificação, podemos pensar como ela pode ter contribuído para representar o moderno, uma vez que traz detalhes e portais elaborados e, como descreveu João Suassuna, era “solido e elegante prédio”.

A fotografia, ao mesmo tempo, possibilita pensarmos o cotidiano flagrado na imagem: identificamos um jumento com latas captadoras d'água e um adulto que, provavelmente, pode ser um dos aguadeiros que distribuía/vendia água pela vila; notamos também a presença de outros animais que, possivelmente, procuravam os arredores do prédio em busca de saciarem sua sede por água e que ao mesmo tempo denunciavam a convivência de um mundo que procurava se modernizar mais que convivia ainda com muitos elementos rurais; percebemos a presença de crianças no prédio, o que nos leva a pensar que o mesmo também passou a ser tomado como um espaço de lazer; por fim, identificamos um dos postes do serviço de iluminação pública denunciado à presença da energia elétrica recém-inaugurada no entorno do

Também identificamos alguns poucos registros que nos falam que ainda durante o governo do presidente João Suassuna a vila de Taperoá passou a contar com um sistema hospitalar. O mesmo jornal *A União* descreve que o projeto inicial já estava presente na ocasião das inaugurações/comemorações da ponte, energia elétrica e aniversário de Epitácio Pessoa, quando então o presidente estadual, João Suassuna, também fez visita ao lugar onde o hospital seria edificado, como segue:

A PEDRA FUNDAMENTAL DO HOSPITAL DE CARIDADE

De regresso da visita s. exc. dirigiu-se ao local onde vae ser edificado o hospital de São Vicente de Paulo, por iniciativa dos srs. João Casulo e Francisco Bezerra e com o concurso com o povo. Na occasião de lançar a pedra fundamental do prédio, o sr. dr. João Suassuna, em breves palavras, disse que a cerimônia que se realizava, fechando o cyclo das homenagens de Taperoá, era simples como o sentimento de caridade que a inspirara. Devia-se tão feliz e humanitária lembrança a dois cidadãos, a dois bellos ornamentos sociais: João Casulo e Francisco Bezerra. S. exc. congratulava-se com o povo por aquelle serviço de alto alcance patriótico.

Não sabemos precisar o tempo exato em que o hospital foi edificado, contudo, o presidente João Suassuna relatou ao término do governo, em mensagem dirigida à Assembléa Legislativa estadual, que havia contribuído para a sua construção, como descrito abaixo:

Não devo omitir do conjuncto dos estabelecimentos pios e publicos que amparam em nossa terra os infelizes de toda sorte, os hospitaes construídos em Campina, Alagôa Grande e **Taperoá, com auxilio do governo**, indo, assim, ao encontro da bella iniciativa que os emprehendeu e executou. É de justiça fazer menção especial dos drs. Arlindo Correia e Francisco Peregrino de Albuquerque Montenegro e Sr. **João Casulo Primo**, que estiveram á frente dos trabalhos, respectivamente, em Campina, Alagôa Grande e **Taperoá**, com louvável constancia e abnegação. (...) contribui para os hospitaes de Campina, Alagoa Grande e **Taperoá**, com cerca de 40 contos⁴⁷. (Grifos nossos).

As duas fontes informam que esse empreendimento se deu a partir da iniciativa de João Casulo Primo, que era um capitalista taperoaense do ramo algodoeiro, presidente do Conselho Municipal (1925-1927) e que

⁴⁷ SUASSUNA, João. **Mensagem Apresentada pelo Presidente do Estado da Paraíba á Assembléa Legislativa na sua 1ª Reunião Ordinária da 10ª Legislatura**. Parahyba, 20 de outubro de 1928.

resolvera empreender agora no ramo hospitalar, uma vez verificada por ele essa necessidade⁴⁸. Porém, a última fonte diz que, assim como ocorreu com a usina de energia elétrica, o governo estadual cedeu empréstimo financeiro para a construção desse “benefício” dito moderno. Verificamos que, depois de concluída a obra, a fotografia mais uma vez foi usada como forma de documentar essa arquitetura, como segue o registro abaixo:



Fonte: Arquivo de Reuza Ribeiro de Queiroz, Taperoá - PB.

Uma primeira observação diz respeito ao estilo arquitetônico do prédio, considerado moderno para a época e que fugiu do estilo colonial predominante por toda vila. Outra ressalva é quanto ao local escolhido para a localização desse edifício, que se deu em lugar afastado da vila, uma vez que havia a orientação higienista de que espaços como este fossem isolados do resto da sociedade⁴⁹. Com relação ao isolamento, observamos que se tratava de uma estratégia de confinamento que visava afastar a doença da cidade, evitando que ela se alastrasse. Essa política de controle dos espaços urbanos alerta-nos para o fato de que em Taperoá, bem como em toda a Paraíba, ainda podia ser constatado, no imaginário coletivo, a crença de que

48 Seguem os anos da década de 1920 e seus respectivos óbitos: 1921 - 14; 1922 - 11; 1923 - 10; 1924 - 15; 1925 - 19; 1926 - 19; 1927 - 24; 1928 - 13; 1929 - 19; 1930 - 16. Fonte: Livro 1-C do Cartório de Registro Civil de Taperoá.

49 Enfermidades frequentes, como a tuberculose e a febre tifo, eram tratadas por meio da vacinação e do isolamento. Assim, afastando qualquer possibilidade de alastramento de uma epidemia entre a sociedade, se promoveria um ar de modernidade à vila.

a circulação dos fluídos era causadora de doenças⁵⁰. Uma última observação diz respeito ao nome escolhido para esta casa de saúde e gravado em sua frente: “Hospital São Vicente De Paula”⁵¹; representa a predominância da religião católica naquela vila, assim como evidencia a imagem de caridade que o proprietário queria passar para a sociedade, uma vez que esse santo é considerado, pelos católicos, como patrono de todas as obras de caridade.

No conjunto, concluímos pensando que o governo do prefeito Hermann Cavalcanti pôde contar com significativa parceria do governo estadual na pessoa de João Suassuna e que essa parceria resultou na implementação de vários signos considerados modernos no período e que contribuíram para uma ressignificação dos hábitos e costumes locais.

O EMBELEZAMENTO DA URBS

Ao que nos parece, ao longo de sua administração, Hermann sempre esteve empreendido com o embelezamento da urbs, pois conforme matéria do jornal *Parahyba do Norte*, de 30 de agosto de 1926⁵², um ano e três meses depois das inaugurações/comemorações patrocinadas pelo governo estadual, o prefeito continuava a promover transformações no espaço urbano daquela vila, principalmente no aspecto físico das ruas.

Urbanizar implicava inserir os signos de uma cultura urbana. A dominação do privado pelo público, que concebe à cidade a designação de lugar público, privilegia a rua que passa a ser discutida e pensada como reduto de mobilidade de pessoas e mercadorias. A rua que tinha um aspecto colonial necessitava acompanhar o processo de modernização, pois a mesma começava a dividir espaço com signos modernos, como os postes para iluminação da cidade. Devido ao discurso do progresso, eram necessários novos requisitos para a rua tornar-se viável no novo mundo urbano. Isto foi uma das justificativas para as mudanças no plano urbanístico da cidade.

50 No Brasil, desde o final do século XIX, propagava-se no imaginário social a teoria microbiana, segundo a qual as epidemias eram causadas por vetores invisíveis, germes infecciosos, mosquitos transmissores, assim como por certos objetos (roupas, dinheiro, etc.). E assim em muitos locais do país, as políticas de combate às epidemias passaram a fazer uso dos métodos dessa teoria. Cf. RAGO, Luiza Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar – Brasil (1890-1930)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 168.

51 Parece-nos que era uma constatação desse batismo para estas instituições nessa época. Em Campina Grande, por exemplo, em 1931, foi inaugurado o Asilo de Mendicidade Deus e Caridade São Vicente de Paulo, dirigido por irmãos da Sociedade Beneficente Deus e Caridade, à Rua do Açude Velho.

52 “O Renascimento de Taperoá. Coronel Hermann de Queiroz, operoso administrador que muito tem feito pelo progresso do município” (*Parahyba do Norte*, 30 ago. 1926).

As ruas nesse período foram abertas, arborizadas e iluminadas, implementações dos requisitos da modernidade. Empenhado nesses discursos o prefeito Hermann promoveu mudanças nas ruas da vila conforme segue: “Local que era outrora o grande penhasco, de feio aspecto, hoje transformado em logradouro público vendo-se rua aberta ao centro. Tudo isso é obra da atual gestão municipal”⁵³. O jornal *Parahyba do Norte* trouxe ainda a fotografia abaixo:



Fonte: Arquivo de Reuza Ribeiro de Queiroz, Taperoá - PB.

Segundo a manchete acima, esse espaço, que fica situado no sentido sul da vila, apresentava um grande penhasco de feio aspecto que não se coadunava com a imagem que se pretendia de cidade moderna, sendo, por isso, destruído para ceder lugar a um logradouro público, com rua aberta ao centro.

Notamos que, uma vez realizado o melhoramento, Hermann logo viabilizava documentar-se do mesmo através da fotografia. Bertrand de Sousa Lira alerta para o fato de que, na Paraíba, foi no bojo da expansão da rede ferroviária, da construção de açudes pelo projeto de obras contra as secas, do boom da produção algodoeira e da transfiguração da paisagem urbana de cidades como João Pessoa e Campina Grande, que as imagens do discurso do progresso se materializaram em fotografias. O autor observa ainda que “era como se a inexistência de uma documentação fotográfica dessas transformações fizesse parecer que elas não tivessem acontecido”⁵⁴.

53 *Parahyba do Norte*, 30 de ago. 1926.

54 LIRA, Bertrand de Sousa. **Fotografia na Paraíba**: um inventário dos fotógrafos através do retrato. (1850-950). João Pessoa: Editora Universitária, 1997, p. 143.

Em sua empreitada de transformação da urbs, Hermann também construiu uma rua de casas de “feição moderna” a que denominou de Solon de Lucena⁵⁵, “(...) o que é um grande esforço para um cidadão que reside numa vila cujo comércio não é dos mais promissores”⁵⁶. Essa rua aberta situa-se no espaço que segue à direita depois da terceira casa do lado direito da foto acima.

Ainda no que diz respeito ao embelezamento da urbs o prefeito promoveu a reconstrução das calçadas de todas as casas da rua principal. Nesse sentido, o jornal *Parahyba do Norte* de 30 de agosto de 1926 trouxe a seguinte nota: “Bello trecho da Rua 15 de Novembro onde a actual administração empregou os maiores esforços para a reconstrução das calçadas”, ilustrado com a fotografia que segue:



Trecho da longa Rua 15 de Novembro (Antiga Rua do Comércio). Fonte: Arquivo de Reuza Ribeiro de Queiroz, Taperoá - PB.

As ruas são justamente os lugares na cidade onde os conflitos ganham vida. Nelas, a sociedade, juntamente com os novos signos, expressará essa vida moderna. A principal rua da vila de Taperoá, em sua origem, destacava-se por ser longa e acidentada, a chamada “rua-caminho”. E, sendo a rua, lugar de realizações, de manifestações das relações sociais, das diferenças e

⁵⁵ Trata-se de uma imortalização ao político paraibano epitacista que havia falecido nesse mesmo ano. Solon de Lucena nasceu em Bananeiras, em 1878, e foi presidente da Paraíba entre 1920 e 1924, quando então se retirou da vida pública por enfermidade.

⁵⁶ *A Imprensa* 3 fev. 1940

das normatizações do cotidiano em momentos históricos diversos, tende-se a materializar na sua forma física e na sua paisagem todas as transformações ocorridas. E é com as mudanças políticas, econômicas e sociais que as ruas deixam de ser “ruas-caminho” e passam a ser “ruas do código de postura”. A mudança de “rua-caminho” à “rua do código de postura” deu-se por diversas intervenções de racionalidade do espaço urbano, aliadas ao fenômeno da modernidade e que em muito modificaram a trama física e a paisagem da cidade.

A imagem acima é emblemática para que possamos observar como os signos modernos já se faziam presentes na vila de Taperoá no ano de 1926. A principal rua do lugar, por onde passava a estrada para o sertão do Estado e onde se estabeleciam as casas comerciais e a feira semanal, já apresentava certa uniformidade no que diz respeito ao sistema de iluminação, representado pelos vários postes; às longas calçadas simétricas; e à arborização; configurando, desse modo, um aspecto físico bem diferenciado do que tinha quando da passagem do século XIX para o XX. Esses elementos são bem pertinentes para compreendermos como essa principal rua da vila deixou de ser “rua-caminho” e passou a ser uma “rua do código de postura” para aquela sociedade. Ao mesmo tempo, destacamos a preocupação em documentar, via imagem fotográfica, essa transformação, essa caminhada para o “moderno” em detrimento o “arcaico”.

Abaixo segue outra fotografia que também nos apresenta esse aspecto do discurso do moderno da vila:



Praça João Suassuna (Antiga Praça Dom Aduato). Fonte: Arquivo de Reuza Ribeiro de Queiroz, Taperoá - PB.

Observamos à direita, depois do primeiro prédio onde se ler “Padaria e Merceria” (pertencente a Pedro Fernandes Pimenta), um conjunto de casas residenciais de estilo requintado que pertenciam às famílias mais abastadas da vila. Nota-se o sistema de iluminação, as calçadas de forma não tão simétricas e a rarefeita arborização.

Por fim, frisamos mais uma vez que durante o período de 1924 e 1926, o prefeito Hermann Cavalcanti apresentou uma constante busca pelo processo de modernização para a vila de Taperoá. Tanto foi assim que o nome de Hermann Cavalcanti foi lembrado pelos jornais da época como “(...) um benfeitor da terra. Nem podia ter outro espírito um neto do major Laurênio. Foi um prefeito honesto, trabalhador, audaz, desprendido, visionário talvez (...)”⁵⁷.

No mais, também destacamos que a maioria das aquisições ditas modernas, assim como das reformas urbanas foram registradas/documentadas através do olhar do fotógrafo, que buscou cristalizar o ângulo mais perfeito de tais transformações advindas. Bertrand Lira menciona que os fotógrafos trabalharam a fotografia documental na perspectiva da construção da ideia de progresso. Isso porque, segundo ele, “(...) a fotografia era um ofício como outro qualquer, no sentido de que se constituía num meio gerador de rendas com vistas à subsistência; e segundo porque, ao realizar um trabalho de documentação, o profissional o fazia sob encomenda de uma administração pública ou privada”⁵⁸. Desse modo, as fotografias solicitadas tinham uma finalidade precisa: em geral construir significados da ideia de progresso da cidade através dos seus aspectos urbanos e arquitetônicos e a “evolução” de obras, igualmente indiciárias de uma modernidade que se concretizava na visão dos governantes e da elite da época⁵⁹.

57 **A Imprensa**, 3 fev. 1940.

58 LIRA, Bertrand de Sousa. **Fotografia...**, *op. cit.*, 1997, p. 145.

59 Em algumas das fotografias analisadas foi possível identificar a assinatura do fotógrafo a partir da rubrica M. Dias, contudo, pesquisando na historiografia paraibana que trata do tema, não conseguimos identificar quem era esse fotógrafo.